

**Tom
Perrotta**

**Sra.
Fletcher**

Tradução
Flávia Souto Maior

 **Planeta**

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

PARTE UM

*O início de
um grande
seu lá o quê*



O EMOTICON OBRIGATÓRIO

O caminho era longo, e Eve chorou a maior parte da volta para casa porque o grande dia não tinha saído como ela esperava. Os grandes dias nunca saíam. Aniversários, feriados, casamentos, formaturas, funerais – tudo era muito carregado de expectativas, e as pessoas importantes em sua vida raramente se comportavam como deveriam. A maioria nem parecia estar seguindo o mesmo roteiro que ela, embora talvez isso dissesse mais sobre as pessoas importantes em sua vida do que sobre grandes dias em geral.

Hoje, por exemplo: tudo que ela queria, desde o momento em que abriu os olhos pela manhã, era uma chance de dizer a Brendan o que estava em seu coração, de expressar todo o amor que havia se acumulado durante o verão, crescendo até chegar a um ponto em que, às vezes, ela achava que seu peito podia explodir. Parecia muito importante dizer tudo isso em voz alta antes que ele partisse, compartilhar toda a gratidão e o orgulho que sentia, não apenas pela pessoa maravilhosa que ele era agora, mas pelo garotinho doce que havia sido e pelo homem forte e decente que um dia se tornaria. E ela queria tranquilizá-lo também, deixar claro que começaria uma nova vida, assim como ele, e que seria uma grande aventura para os dois.

Não se preocupe comigo, ela queria dizer a ele. Apenas estude bastante e divirta-se. Eu cuido de mim...

Mas aquela conversa nunca aconteceu. Brendan dormiu demais – ele havia ficado fora até tarde, festejando com os amigos – e quando finalmente se arrastou para fora da cama estava imprestável, com resaca demais para ajudar na arrumação das últimas malas e para carregá-las até a van. Era muito irresponsável da parte dele deixá-la, com os problemas que ela tinha na coluna, carregar as caixas e malas escadaria abaixo no calor de agosto, suando na camisa nova enquanto ele ficava de cueca sentado à mesa da cozinha, lutando com a tampa à prova de crianças de um frasco de ibuprofeno –, mas ela conseguiu manter a irritação sob controle. Não queria estragar a última manhã que passariam

juntos com implicações insignificantes, mesmo que ele merecesse. Ser desagradável seria um desserviço para ambos.

Quando terminou, ela tirou algumas fotos da van com o porta-malas aberto, lotado de bagagem e contêineres plásticos, um tapete enrolado e um bastão de lacrosse, um console de Xbox e um ventilador, um frigobar e um engradado de caixas de leite cheio de comida de emergência, além de um pacote enorme de Doritos, o salgadinho preferido dele. Ela fez o upload da última foto embaçada para o Facebook e escreveu: *Indo para a faculdade! Muito feliz por meu filho incrível, Brendan!!!* Então inseriu o emoticon obrigatório e postou a mensagem, para que seus 221 amigos pudessem compreender o que ela estava sentindo e deixar claro que haviam gostado.

Foram necessárias algumas tentativas para fechar o porta-malas – o maldito tapete estava atrapalhando – mas ela finalmente conseguiu. Ficou ali por um momento, pensando em outras viagens de carro, férias que tinham tirado quando Brendan era pequeno, os três indo para a casa dos pais de Ted em Cape Cod e aquela outra vez em que acamparam nos Berkshires, quando choveu sem parar – a terra ficando líquida sob a barraca – e eles tiveram que guardar tudo e encontrar um hotel no meio da noite. Ela achou que ia chorar naquele momento – ia acontecer, mais cedo ou mais tarde –, mas, antes que pudesse começar, Becca apareceu de bicicleta, movimentando-se de maneira tão ligeira e silenciosa que pareceu um ataque furtivo.

— Ah! — Eve levantou as mãos para se defender, embora não houvesse perigo de ser atropelada. — Você me assustou!

Becca olhou para ela com cara de *em-que-planeta-você-vive* enquanto desmontava da bicicleta, mas o descaso apareceu e desapareceu tão rapidamente que foi quase como se não estivesse lá.

— Bom dia, sra. Fletcher.

Eve ficou irritada com o cumprimento. Ela já havia dito a Becca várias vezes que preferia ser chamada pelo primeiro nome, mas a garota insistia em chamá-la de *sra. Fletcher*, como se ela ainda fosse casada.

— Bom dia, Becca. Você não devia estar usando capacete?

Becca soltou a bicicleta – que se equilibrou sozinha por um instante antes de tombar sobre o gramado – e arrumou os cabelos com as duas mãos, certificando-se de que estava tudo no lugar. É claro que estava.

— Capacetes são horríveis, sra. Fletcher.

Eve não via Becca fazia algumas semanas, e de repente se deu conta de como o intervalo tinha sido agradável e de como ela havia deixado de apreciá-lo, da mesma forma que se deixa de apreciar a ausência de uma dor de estômago até que as cólicas reapareçam. Becca era tão delicada e adorável, tão bem arrumada – com aquele macacãozinho azul-turquesa, os tênis brancos limpíssimos, toda aquela maquiagem, um pouco demais para uma adolescente andando de bicicleta em uma manhã de verão. E não estava nem suando!

— Está bem, então. — Eve sorriu com nervosismo, extremamente envergonhada do próprio corpo, da palidez pastosa de sua pele, da umidade que escorria das axilas. — Posso ajudar com alguma coisa?

Becca se virou para ela com aquele olhar frio novamente, deixando bem claro que ela já havia usado toda a cota de perguntas idiotas do dia.

— Ele está lá dentro?

— Sinto muito, querida. — Eve apontou com a cabeça na direção da van. — Já estamos de saída.

— Não se preocupe. — Becca já estava se dirigindo para a casa. — Só preciso de um minuto.

Eve poderia ter impedido que ela entrasse – ela tinha esse direito –, mas não estava com vontade de fazer o papel de mãe zangada e descontente, não hoje. Para quê? E por mais que não gostasse de Becca, Eve não conseguia deixar de sentir pena dela, pelo menos um pouco. Não devia ter sido fácil ser namorada de Brendan, e devia ter sido bem sofrido ser largada por ele poucas semanas antes da ida para a faculdade, enquanto ela ficaria abandonada no ensino médio por mais um ano. Aparentemente, ele havia feito o trabalho sujo por mensagem de texto e se recusado a falar com ela depois. Simplesmente terminou o relacionamento e o jogou no lixo, uma tática que havia aprendido com o pai. Eve compreendia muito bem a necessidade de Becca de ter uma última conversa, aquela esperança em vão de ter um desfecho.

Boa sorte.

Imaginando que eles podiam precisar de um pouco de privacidade, Eve foi até o posto de gasolina para encher o tanque e calibrar os pneus, depois parou no banco para sacar algum dinheiro, que daria a Brendan

como presente de despedida. *Para comprar livros*, ela diria a ele, embora imaginasse que a maior parte seria gasta em pizza e cerveja.

Ela ficou cerca de quinze minutos fora – um bom tempo para uma conversa de despedida –, mas a bicicleta de Becca ainda estava no gramado quando voltou.

Que pena, pensou. *Acabou o horário de visita...*

A cozinha estava vazia, e Brendan não respondeu quando ela chamou seu nome. Tentou novamente, um pouco mais alto, mas não teve sucesso. Depois olhou no quintal, mas foi pura formalidade; ela já sabia onde eles estavam e o que estavam fazendo. Dava para sentir no ar, a vibração sutil, ilícita e profundamente irritante.

Eve não era uma mãe puritana – quando ia à farmácia, fazia questão de perguntar ao filho se ele precisava de camisinhas –, mas não estava com paciência para aquilo, não hoje, não depois de ter carregado a van sozinha. E eles já estavam atrasados. Ela foi até o pé da escada.

— *Brendan!* — Sua voz era estridente e imponente, a mesma que usava quando ele era criança e estava se comportando mal no parquinho.

— *Preciso que desça imediatamente!*

Ela esperou alguns segundos, depois subiu a escada com passo firme, fazendo o máximo de barulho possível. Ela não queria saber *o que* eles estavam fazendo. Era simplesmente uma questão de respeito. Respeito e maturidade. Ele estava indo para a faculdade e era hora de crescer.

A porta do quarto estava fechada e havia música tocando lá dentro, o *gangsta rap* de sempre. Ela levantou a mão para bater. O som que a impediu era indistinto no início, mal dava para ouvir, mas ficou mais alto quando ela se sintonizou em sua frequência, um gemido primitivo insistente, que nenhuma mãe precisa ouvir do filho, principalmente quando está sentindo saudades do garotinho que ele fora um dia, da criança doce que se agarrava desesperadamente à sua perna quando ela tentou se despedir no primeiro dia de pré-escola, implorando que ela ficasse com ele *só mais um minuto. Por favor, mamãe, só um minutinho!*

— Ah, merda — ele dizia agora, em um tom tranquilo de contentamento. — Isso, porra... Chupa, vadia.

Como se repelida por um odor terrível, Eve se afastou da porta e correu, aturdida, para a cozinha, onde preparou uma xícara de chá calmante de hortelã. Para se distrair enquanto a infusão não ficava pronta,

folheou um catálogo da faculdade comunitária da região, porque passaria a ter muito tempo livre e precisava encontrar algumas atividades que a tirassem de casa e talvez a colocassem em contato com gente interessante. Ela havia aberto na parte de Sociologia, circulando aulas que lhe pareciam promissoras e se encaixavam em sua agenda, quando finalmente escutou passos na escada. Alguns segundos depois, Becca apareceu na cozinha, toda amarrotada, porém com ar de vitória, com uma grande mancha molhada no macacão. Pelo menos teve a decência de ficar corada.

— Tchau, sra. Fletcher. Aproveite o ninho vazio!

No verão anterior, quando Eve e Brendan estavam visitando faculdades, fizeram algumas longas e adoráveis viagens de carro juntos. Embalado pela monotonia da estrada, ele se abriu com ela de uma forma que ela havia esquecido que era possível, falando com facilidade e ponderação sobre uma série de assuntos normalmente proibidos: garotas, a nova família de seu pai, algumas opções de cursos que estava considerando para a faculdade (Economia, se não fosse muito difícil, ou talvez Direito Penal). Ele a havia surpreendido ao demonstrar alguma curiosidade por seu passado, perguntando como ela era na idade dele, como eram os caras que ela havia namorado antes de se casar, de que bandas gostava e se ela já havia fumado maconha. Compartilhavam um quarto de hotel nas viagens que duravam mais de um dia e assistiam juntos a programas de TV, cada um em sua cama, passando um pacote de Doritos de um para o outro enquanto riam de *South Park* e Jon Stewart. Na época, parecia que estavam entrando em uma agradável nova fase de relacionamento – uma confortável afinidade adulta –, mas não durou muito. Assim que foram para casa, voltaram ao modo padrão, de duas pessoas que compartilhavam o mesmo endereço, mas não muito mais que isso, trocando o mínimo de informações necessárias por dia, quase sempre – da parte do filho – na forma de monossílabos rabugentos e resmungos irritados.

Eve havia cultivado a lembrança daquelas conversas íntimas na estrada e ansiava por mais uma naquela tarde, uma última chance de discutir as grandes mudanças que estavam prestes a acontecer na vida dos dois, e talvez de refletir um pouco sobre os anos que haviam passado

de maneira repentina, mais rapidamente do que ela poderia imaginar. Mas como poderiam compartilhar um momento nostálgico quando ela só conseguia pensar nas palavras terríveis que tinha escutado através da porta do quarto?

Chupa, vadia.

Nossa. Eve queria apertar um botão e apagar aquela frase horrível da memória, mas ela ficava se repetindo, ecoando em seu cérebro em um loop infinito: *Chupa, vadia...Chupa, vadia... Chupa...* Ele tinha dito aquelas palavras tão casualmente, tão *automaticamente*, da mesma forma que um garoto da geração dela podia ter dito: *Ah, isso, vai* ou *Não pare*, o que já teria sido constrangedor o bastante da perspectiva de uma mãe, mas não tão perturbador.

Ela provavelmente não deveria estar surpresa. Quando Brendan estava no ensino médio, Eve fora a uma apresentação da Associação de Pais e Mestres sobre “Cuidados dos pais com a internet”. O palestrante convidado, um assistente de promotoria, havia passado a eles um panorama deprimente da internet e dos perigos que ela representava para os adolescentes. Ele abordou mensagens de texto com teor sexual, *cyberbullying* e predadores on-line, mas o que mais o incomodava era a quantidade de pornografia à qual os adolescentes estavam potencialmente expostos todos os dias, uma enxurrada de obscenidades sem precedentes na história da humanidade.

Não se trata de uma Playboy escondida no armário, ok? Trata-se de um esgoto de imagens degradantes de perversão sexual extrema disponível a qualquer um na privacidade de seu próprio quarto, independentemente de idade ou maturidade emocional. Nesse ambiente nocivo, é preciso haver uma vigilância firme e constante para manter seus filhos em segurança, para resguardar a inocência deles e protegê-los da depravação. Vocês estão preparados para esse desafio?

Eve e as outras mães com quem conversou ficaram abaladas pela imagem sinistra que ele havia pintado, mas depois concordaram que havia sido um pouco exagerada. A situação era ruim – não havia motivo para negar –, mas não era *tão* ruim assim, era? E mesmo que fosse, não havia uma maneira prática de monitorar cada clique que os filhos davam no mouse. Era preciso simplesmente ensinar os valores corretos – respeito, bondade e compaixão, ou seja, colocar em prática o *tratar o próximo como gostaria de ser tratado*, não que Eve fosse religiosa – e esperar que

isso servisse como escudo contra as imagens nocivas e os estereótipos machistas aos quais os filhos seriam inevitavelmente expostos. E era isso que Eve tinha feito, da melhor maneira possível, embora tivesse ficado óbvio que não havia funcionado da forma que ela esperava.

Chupa, vadia.

Estava um pouco tarde para ter uma conversa sobre sexo, mas Eve sentia que não tinha escolha a não ser mostrar a Brendan como estava decepcionada. O que ele havia dito a Becca não era certo, e Eve precisava deixar isso claro, mesmo que estragasse o resto do dia. Ela não queria que ele comesse a faculdade sem entender que havia uma diferença fundamental entre as relações sexuais da vida real e os encontros promíscuos que ele aparentemente via na internet (Brendan insistia que passava longe de todo esse lixo, mas o histórico de seu navegador sempre era cuidadosamente apagado, um dos sinais de alerta que Eve havia aprendido na reunião da Associação de Pais e Mestres). No mínimo, ela precisava lembrar ao filho que não era certo chamar a namorada de vadia, mesmo que fosse uma palavra usada de brincadeira entre os amigos, mesmo que a garota em questão dissesse não se importar.

E mesmo se ela realmente fosse uma vadia, Eve pensou, embora soubesse que aquilo não ajudaria sua causa.

Brendan deve ter sentido que um sermão o esperava, porque fez o possível para se blindar dentro da van, afundando a aba do boné sobre os óculos escuros e balançando enfaticamente a cabeça ao som do hip-hop que pulsava em seus fones de ouvido brancos. Assim que chegaram à estrada, ele reclinou o assento e anunciou que ia tirar uma soneca.

— Espero que não se importe — disse ele. Foi a primeira coisa mais ou menos educada que saiu da boca dele o dia todo. — Estou muito cansado.

— Deve estar mesmo — disse Eve, permeando a voz com uma falsa empatia. — Você teve uma manhã muito movimentada. Carregou muito peso.

— Rá, rá. — Ele apoiou os pés descalços no painel. — Pode me acordar quando chegarmos lá?

Brendan dormiu – ou fingiu dormir – durante as duas horas seguintes, não saindo do carro nem quando a mãe fez uma parada para descansar perto de Sturbridge. Eve ficou chateada a princípio – realmente

queria falar com ele sobre etiqueta sexual e respeito pelas mulheres –, mas tinha que admitir que era um alívio adiar a conversa, que exigiria que ela confessasse que havia escutado atrás da porta e citasse aquela frase que a havia deixado tão perturbada. Ela não sabia ao certo se conseguiria dizer aquilo em voz alta, não sem um grande constrangimento, e tinha a sensação de que Brendan ia rir e dizer que ela tinha ouvido errado, que ele nunca diria *Chupa, vadia*, nem para Becca, nem para ninguém, e eles acabariam discutindo sobre os fatos básicos do caso em vez de conversar sobre os assuntos que realmente importavam. Ele era capaz de ser bem evasivo quando necessário; era outra característica que havia herdado de seu pai, um mestre da negação e da evasão.

Apenas deixe-o descansar, ela pensou, colocando um CD do Neil Young com antigas canções suaves que a deixavam com uma sensação agradável de melancolia, perfeitas para a ocasião. *Podemos conversar uma outra hora*.

Eve sabia que estava sendo covarde, abdicando da responsabilidade de mãe, mas deixá-lo sair ileso da situação era praticamente um reflexo àquela altura. O divórcio a havia deixado com a consciência permanentemente pesada, e por isso era quase impossível que ficasse zangada com o filho ou o responsabilizasse pelas próprias ações. O pobre garoto tinha sido vítima de uma elaborada propaganda enganosa perpetrada pelos próprios pais, que, durante onze anos, haviam construído para ele uma vida que parecia sólida, permanente e boa, e depois – brincadeirinha! – arrancado-a de suas mãos e a substituído por algo inferior, uma versão menor e mais frágil na qual o amor tinha data de validade e não se podia confiar em nada. Não era de esperar que ele nem sempre tratasse as outras pessoas com a gentileza e consideração que mereciam?

Não que a culpa fosse de Eve. Ted era o culpado, o cretino egoísta que havia abandonado uma família perfeitamente boa para recomeçar com uma mulher que havia conhecido por meio da seção de Encontros Casuais dos classificados (ele tinha declarado falsamente seu estado civil como “separado”, o que depois veio a se concretizar). Eve havia sido pega de surpresa pela traição e ficado arrasada com a recusa de Ted em fazer terapia de casal ou qualquer mínimo esforço para salvar o casamento. Ele simplesmente considerou o relacionamento morto e

enterrado, afirmando unilateralmente que as últimas duas décadas de sua vida haviam sido um erro lamentável e jurando que faria melhor na próxima tentativa.

Tenho uma segunda chance, ele dissera a ela, com a voz trêmula de emoção. *Entende como isso é precioso?*

Mas e eu?, ela perguntara. *E seu filho? Não somos preciosos também?*

Sou um cretino, ele explicou. *Vocês dois merecem coisa melhor.*

O mundo todo reconheceu que ela havia sido uma vítima inocente – até mesmo Ted concordava! –, mas Eve ainda se sentia cúmplice no término. O casamento já estava se arrastando havia algum tempo antes de Ted procurar outra nos classificados, e ela não tinha feito nada para melhorar as coisas, nem mesmo admitira que havia um problema. Por sua própria passividade ela tinha possibilitado o desastre, deixando o marido escapar e a família se desintegrar. Ela havia fracassado como esposa e, conseqüentemente, como mãe. E era Brendan quem pagava por isso.

Os danos que ele havia sofrido eram sutis e difíceis de identificar. Outras pessoas ficavam maravilhadas diante do jovem impressionante que ele era e de como havia lidado bem com o divórcio. Eve ficava satisfeita com os elogios – significavam muito para ela – e chegava a acreditar neles, até certo ponto. Seu filho realmente tinha inúmeras boas qualidades. Era bonito e popular, um atleta talentoso que sempre atraía a atenção das meninas. Tinha ido bem na escola, o suficiente para entrar nas universidades de Fordham e de Connecticut, embora tivesse optado por cursar a Universidade Estadual de Berkshire, em parte por ser barata, mas principalmente, como dizia alegremente a qualquer um que perguntasse, por ser uma faculdade conhecida por suas boas festas, e ele gostava de se divertir. Era assim que ele se apresentava ao mundo – como um cara amigável que adorava diversão, alguém que qualquer um gostaria de ter no time ou na fraternidade –, e o mundo parecia feliz em aceitá-lo dessa forma.

Para Eve, no entanto, ele ainda era um garoto confuso que não conseguia entender por que o pai havia ido embora e por que eles não podiam simplesmente convencê-lo a voltar para casa. Nos primeiros meses depois que Ted partira, Brendan dormiu com uma foto do pai embaixo do travesseiro, e Eve o encontrou mais de uma vez acordado no meio da noite, conversando com a foto, com lágrimas escorrendo pelo rosto. Ele ficou mais forte com o tempo – os músculos ficaram resistentes, os olhos

endureceram e a foto desapareceu –, mas algo havia se perdido no processo, toda a suavidade e vulnerabilidade pueril que a tocavam tão profundamente. Ele simplesmente não era uma pessoa tão boa quanto costumava ser – não era tão doce, tão gentil nem tão amável – e ela não conseguia se perdoar por ter deixado aquilo acontecer, por não ter sabido como protegê-lo ou como consertar o que havia se quebrado.

Eles pegaram um engarrafamento perto do *campus*, um comboio festivo de calouros recém-chegados e suas famílias. Chegando perto da Área Residencial Longfellow, foram saudados pelo caminho por grupos de veteranos de camisetas vermelhas, que aparentemente estavam sendo pagos para receber os recém-chegados. Alguns dançavam, outros seguravam placas feitas à mão que diziam *Bem-vindos!* e *Os calouros são demais!* Por mais mercenárias que fossem suas motivações, o entusiasmo era tão contagioso que Eve não conseguiu deixar de sorrir e acenar em resposta.

— O que você está fazendo? — Brendan murmurou, ainda rabugento devido à soneca.

— Só estou sendo simpática — ela disse. — Se estiver tudo bem para você.

— Tanto faz. — Ele se jogou no assento. — Divirta-se.

Brendan ia ficar no Einstein Hall, um dos abomináveis prediozinhos que faziam Longfellow parecer um conjunto habitacional popular. Eve havia escutado coisas preocupantes a respeito da cultura de festas naquela parte do *campus*, mas o clima parecia tranquilo e saudável quando eles estacionaram na área de descarga e foram rodeados por um grupo de alunos alegres e eficientes que os ajudaram a carregar as coisas. Em minutos, haviam esvaziado a van, transferindo todas as coisas de Brendan para um grande contêiner cor de laranja com rodinhas. Eve ficou observando, feliz por ser poupada de mais uma rodada de trabalho cansativo. Um garoto encardido, cuja camiseta o identificava como *Líder da equipe*, fechou o porta-malas e acenou metodicamente com a cabeça para ela.

— Certo, mãe. Vamos levar esse belo jovem para o quarto dele agora.

— Ótimo. — Eve trancou a van com o controle remoto da chave.

— Vamos lá.

O líder da equipe fez que não com a cabeça. Apesar do calor de trinta e dois graus, ele usava um gorro de tricô com abas nas orelhas. O material estava tão endurecido pelo suor que as abas ficavam enroladas para fora, como as tranças de Píppi Meialonga.

— Você não, mãe. Você precisa levar o carro para o estacionamento de visitantes.

Eve não achava aquilo certo. Ela tinha visto muitas outras mães indo até o dormitório com os filhos. Uma senhora indiana de sári verde estava acompanhando a filha naquele exato momento. Quando pensou em dizer isso, porém, Eve se deu conta de que as outras mães deviam ter maridos que estavam estacionando os carros. Todos pareciam concordar que essa era a divisão apropriada do trabalho – os homens estacionavam os carros enquanto as mulheres ficavam com os filhos. Eve suavizou a voz, implorando clemência.

— São só alguns minutos. Preciso ajudá-lo a desfazer as malas.

— Ótimo, mãe. — Havia uma ponta de impaciência no tom de voz do líder da equipe. — Mas primeiro você precisa tirar o carro. Tem muita gente esperando.

Eu não sou sua mãe, Eve pensou, sorrindo com uma cortesia torturante para aquele merdinha impertinente. Se fosse mãe dele, teria aconselhado que tirasse aquele gorro. *Querido*, ela teria dito, *you are being stupid*. Mas respirou fundo e tentou apelar ao lado humano do garoto.

— Sou mãe solteira — ela explicou. — Ele é meu único filho. Isso é importante para nós.

A essa altura, Brendan já estava prestando atenção na negociação. Ele se virou e olhou feio para Eve.

— *Mãe*. — A voz dele era dura e tensa. — Vá estacionar o carro. Eu vou ficar bem.

— Tem certeza?

O líder da equipe deu um tapinha no braço dela.

— Não se preocupe — ele a tranquilizou. — Vamos cuidar bem do seu bebê.

O estacionamento de visitantes não ficava longe, mas a caminhada de volta levou mais tempo do que ela esperava. Quando chegou ao quarto

de Brendan, no sétimo andar, ele já estava totalmente entrosado com o novo colega de quarto, Zack, um rapaz de ombros largos de Boxborough, com uma barba rala, bem aparada, que se acomodava a seu rosto como um protetor de queixo, o mesmo visual duvidoso que Brendan havia usado na maior parte do último ano do ensino médio. Eles vestiam roupas idênticas também – chinelos, bermudas largas, camisetas regatas, bonés inclinados –, embora Zack tivesse incrementado o visual com um colar de conchas.

Ele até parecia legal, mas Eve teve que se esforçar para esconder a decepção. Ela esperava que Brendan tivesse um colega de quarto mais exótico, um garoto negro do centro de Boston ou um aluno-visitante da China, ou talvez um rapaz gay apaixonado por teatro musical, alguém que expandisse os horizontes de seu filho e o incitasse a sair de sua zona de conforto suburbana. Em vez disso, ele foi colocado com um jovem que poderia ser um irmão perdido, ou pelo menos um companheiro do time de lacrosse do colégio. Quando ela chegou, os meninos estavam admirando os frigobares idênticos.

— Podemos deixar um só para cerveja — Zack sugeriu. — O outro pode ser para outras coisas, como frios e tal.

— Perfeito — concordou Brendan. — Leite para colocar no cereal.

— Chá gelado. — Zack tocou as conchas do colar. — Pode ser legal empilharmos um em cima do outro. Ficaria como uma geladeira média com duas portas. Assim não ocupa tanto espaço.

— Ótimo.

Eve começou a trabalhar de imediato, colocando os lençóis e cobertores na cama de Brendan e organizando seu armário e sua cômoda como fazia em casa, assim ele não ficaria perdido. Nenhum dos dois garotos prestava muita atenção a ela – estavam pensando em talvez suspender uma das camas e colocar a escrivaninha embaixo, liberando espaço para um sofá, o que facilitaria os jogos de videogame – e ela disse a si mesma que era completamente natural uma mãe ser ignorada em uma situação como aquela. Aquele era o quarto deles, o mundo deles; ela era uma intrusa que logo iria embora.

— Onde vamos arrumar um sofá? — Brendan se perguntou.

— As pessoas largam alguns na rua — Zack explicou. — Podemos sair depois e pegar um.

— Isso é higiênico? — Eve perguntou. — Pode ter percevejos.

— Mãe. — Brendan a silenciou com um aceno de cabeça. — Depois vemos isso, certo?

Zack acariciou a barba como um filósofo.

— Podemos cobrir com um lençol, só por garantia.

Eram quase cinco e meia quando Eve guardou tudo. Ela deixou o tapete por último, posicionando-o entre as duas camas, para que ninguém ficasse com os pés frios nas manhãs de inverno. Era um belo toque de conforto.

— Nada mal — disse ela, olhando em volta com satisfação. — Bem civilizado para um dormitório de faculdade.

Brendan e Zack concordaram daquele modo desanimado dos homens, como se mal tivessem forças para expressar concordância, muito menos gratidão.

— Quem quer jantar? — ela perguntou. — Pizza por minha conta.

Os colegas de quarto trocaram um olhar cauteloso.

— Sabe o que é, mãe? Uns caras aqui do nosso andar vão sair daqui a pouco. Acho que vou comer alguma coisa com eles, tudo bem?

Nossa, Eve pensou, com o rosto quente. *Foi bem rápido.*

— É claro — ela respondeu. — Pode ir. Divirtam-se.

— Pode deixar — Brendan acrescentou. — E assim você não precisa dirigir para casa no escuro.

— Tudo bem, então. — Eve passou os olhos pelo quarto, procurando, em vão, por mais uma tarefa. — Parece que está tudo no lugar.

Ninguém a contradisse.

— Certo. — Ela ajeitou a colcha de Brendan mais uma vez. Teve uma sensação levemente atordoante de ter sido deixada para trás, o futuro tornando-se presente antes que ela estivesse pronta. — Acho que é melhor eu ir andando.

Brendan a acompanhou até o elevador. Não era o lugar ideal para uma despedida – havia muitos garotos passando, incluindo um grupo de ajudantes empurrando um contêiner vazio –, mas eles não podiam fazer nada a respeito.

— Ah, por sinal... — Eve mexeu na bolsa e encontrou o dinheiro que tinha sacado de manhã. Colocou as notas na mão de Brendan, depois o abraçou com força e lhe deu um beijo rápido. — Ligue se precisar de alguma coisa, certo?

— Vou ficar bem.

Ela o abraçou de novo quando o elevador chegou.

— Eu te amo.

— É — ele murmurou. — Eu também.

— Vou sentir muito a sua falta.

— Eu sei.

Depois disso, não havia mais nada a fazer além de entrar no elevador e acenar para o filho até as portas se fecharem. Durante alguns segundos, o elevador ficou parado. Eve sorriu, constrangida, para os outros ocupantes, todos alunos, e ninguém correspondeu ao sorriso. Eles estavam conversando animadamente entre si, fazendo planos, efervescendo de entusiasmo, totalmente alheios à presença dela. Eve sentiu-se estranha e excluída, como se todos estivessem indo a uma festa para a qual ela não tinha sido convidada. *Não é justo*, ela quis dizer a eles, mas já estavam descendo, e ninguém acreditaria nela mesmo.

